

Ética, Uma Nova Idéia?

A ética ou o seu estudo certamente não são novas idéias, muito pelo contrário, visto serem temas do debate filosófico desde Sócrates, Platão e Aristóteles, os três grandes sábios da antiguidade ocidental. Entretanto, a cada dia que passa, vemos mais e mais pessoas clamarem por uma postura ética, seja na política, seja nos negócios. Nada mais justo e, no entanto, nada mais difícil. Onde estaria essa dificuldade?

Inicialmente poderíamos dizer que a dificuldade está em definir a ética para o leigo. Em geral há uma grande confusão entre ética e moral. A segunda tem origem nos costumes e na cultura de um povo e, portanto, tem um caráter social e antropológico; enquanto a primeira tem origem em cada indivíduo e, por conseguinte, um caráter pessoal e mesmo psicológico. É claro que uma influencia a outra constantemente.

A moral dá "receitas prontas" de comportamento, do que é correto e incorreto em determinada situação de acordo com os costumes daquela cultura, enquanto a ética se expressa sempre diante de um dilema, ou seja, de se decidir entre dois caminhos possíveis com conseqüências desagradáveis tomadas quaisquer das opções. Como saber o que é correto se ainda não há nenhuma "receita pronta" para aquela situação?

Muitas vezes há limites muito tênues entre o que é correto e incorreto em dada situação. Por exemplo, um casal em que o marido não queira ter filhos e a esposa queira tê-los, qual a atitude ética correta a adotar? Quem deveria ceder? Esse dilema foi enfrentado por Machado de Assis e sua esposa, Carolina Augusta Xavier de Novais, há mais de cem anos. Eles haviam se casado depois que ela enviudara do melhor amigo de Machado e nunca chegaram a ter filhos e também nunca enfrentaram

uma crise conjugal por conta dessa questão, já que a decisão de não ter filhos foi pautada na ética.

Mas, se fosse hoje, será que saberíamos como lidar com essa situação? A resposta é provavelmente não e é justamente essa capacidade de lidar com os dilemas e com a ética que tem sido reivindicado seguidamente pelos brasileiros nos últimos tempos. É de espantar as justificativas aparentemente pueris dos transgressores da lei (principalmente no que diz respeito às verbas públicas como no caso Waldomiro Diniz, ex-presidente da LOTERJ - Loteria do Estado do Rio de Janeiro). Como é possível isso? Por que a ética e a moral não impedem que determinadas pessoas adotem posturas incorretas?

Há diferentes abordagens éticas (utilitarista, absolutista kantiana, relativista, contratualista, aristotélica) e elas podem dar respostas diferentes ao mesmo dilema, mas é preciso ter coerência e adotar sempre a mesma abordagem quando nos deparamos com um dilema novo. Entretanto, é preciso, antes de mais anda, conhecê-las para que se possa tomar uma decisão no que diz respeito à abordagem preferencial que adotaremos e, hoje, carecemos do ensino da lógica e da ética nos bancos escolares!

Está aí uma velha idéia que deveria ser renovada: o estudo da ética e da filosofia deveria voltar ao ensino fundamental e médio, como no passado. Mas aí, encontramos um outro dilema enfrentado pelos formuladores de políticas públicas: o que é melhor? Ensinar a pensar ou treinar para que a pessoa consiga realizar uma tarefa? Até o momento, a opção preferencial dos governos republicanos tem sido a segunda, mas será ela a mais válida?

Para nos atermos às duas abordagens éticas mais usuais na sociedade brasileira, a absolutista kantiana e a utilitarista, ambas concordam que o eticamente correto seria adotar a primeira opção, pois dotar o ser humano de capacidade reflexiva pode ser generalizado como uma norma universal (ou imperativo categórico) e também produz "o maior bem para o

maior número de pessoas".

Mas, isso não tem sido feito e os cidadãos andam reclamando, exigindo que voltem a ter formação nesse sentido, só que aí enfrentamos um segundo problema: o ensino da ética não pode ser feito por decreto, nem muda de forma imediata as pessoas ou gera frutos na sociedade de forma instantânea.

Temos de lembrar que o profissional habilitado a ensinar esse tema é o professor de filosofia e que ainda há nesse país uma enorme carência de profissionais da área, visto que durante o período militar houve uma explícita perseguição a esses profissionais e às escolas de filosofia do país (USP, PUC-Rio, etc.).

Essa é uma questão tão fundamental que se tomarmos como exemplo o tipo de ensino das universidades americanas e inglesas, veremos que antes da formação específica de cada profissão, os alunos são submetidos a cerca de dois anos de estudos genéricos que os ensinam a pensar. Basicamente esses estudos têm caráter filosófico como lógica, ontologia, estética, ética, dialética, etc. Somente depois de terminado o ciclo básico, o aluno escolherá que carreira deseja seguir (direito, engenharia ou medicina, por exemplo), recebendo aí a sua formação profissional específica.

Em suma, é preciso aprender a pensar e também aprender a saber escolher. E essa é uma idéia que deve ser renovada nos bancos escolares: proporcionar uma formação adequada de tal forma que diante de escolhas e dilemas, o indivíduo saiba como se portar, saiba pelo que optar. A ética começa aí e não na constatação a posteriori do que ocorreu de errado e de como toda a sociedade foi afetada pela atitude de um único cidadão.